

Sinais positivos

DEPOIS DE UM FINAL E INÍCIO de ano turbulento, a economia global começa a dar os primeiros sinais de recuperação. No entanto, a crise atual entrará para a história como uma das piores experiências econômicas dos últimos 80 anos e a primeira do século XXI.

Em maio, usando termos como “ponto de inflexão” e “pausa na desaceleração”, os bancos internacionais apresentaram avaliações mais otimistas desde o início da recessão: a economia continua caindo, mas em um ritmo mais lento; o PIB de alguns países está subindo. Resta ver se o sentimento otimista dos mercados levará a uma recuperação sustentável.

Também em maio, a Organização dos Países Exportadores de Petróleo (Opep) voltou a diminuir sua previsão mundial para a demanda de petróleo em 2009, calculada agora em 84,03 milhões de barris diários (mbd), 1,83% a menos do que em 2008.

Segundo o relatório mensal publicado pela Opep, a crise econômica abalou fortemente o consumo de petróleo: nos primeiros quatro meses de 2009, foi registrado um retrocesso de 2,7 mbd na demanda em relação ao mesmo período do ano passado.

O relatório mensal aponta que, mesmo com a queda da demanda, os membros da Opep aumentaram sua produção em mais de 200 mil barris diários em março – o primeiro aumento desde julho do ano passado

Tudo isso coincidiu com uma pequena recuperação dos preços do petróleo, levando as cotações do barril a apresentarem alta, atingindo o maior nível desde outubro passado: US\$ 60.

Fonte: Relatório Opep, Maio/2009

Aço

Crise global afeta Usiminas – A Usiminas apurou no primeiro trimestre de 2009 um prejuízo líquido de R\$ 112 milhões. A receita líquida alcançou R\$ 2,67 bilhões, com uma redução de 25% em relação ao primeiro trimestre de 2008. A geração de caixa, medida pelo conceito EBITDA, alcançou a cifra de R\$ 332 milhões, com queda de 73% em comparação com o mesmo período do ano anterior.

Os resultados registrados, muito aquém dos normalmente alcançados pela Usiminas, são conjunturais e decorrentes do cenário atual de estresse econômico, que se refletiu negativamente nos mercados brasileiro e mundial de aços planos. “A drástica retração da demanda, verificada a partir do último trimestre de 2008, obrigou-nos a adequar a produção das nossas usinas à nova realidade. Passamos a operar num ritmo de apenas 50% da nossa capacidade”, afirma o presidente da Usiminas, Marco Antônio Castello Branco.

Produção de países-membros da Opep e não membros

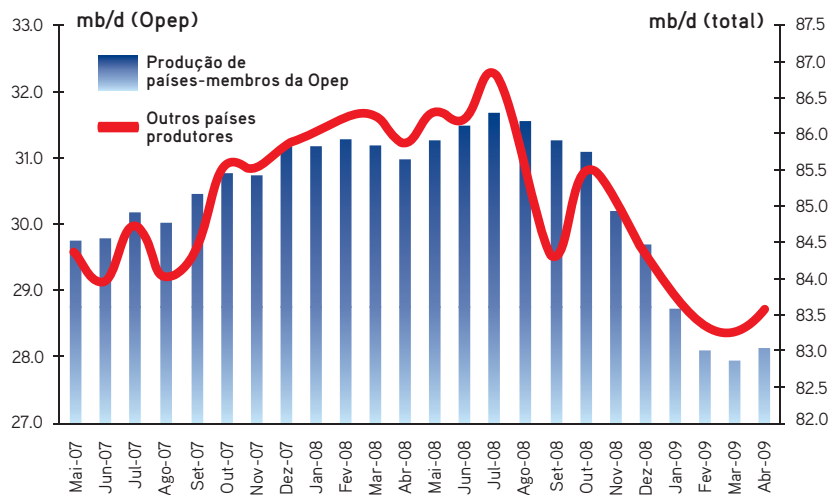


Foto: Usiminas

Queda na produção de aço – A produção de aço bruto da Usiminas no primeiro trimestre de 2009 foi de 1,02 milhão de toneladas, 48% inferior ao volume produzido no mesmo período do ano anterior e 42% abaixo da produção do quarto trimestre de 2008. Essa queda decorre do menor ritmo de produção das usinas de Ipatinga e Cubatão, com a parada programada de três altos-fornos ocasionada pela retração da demanda dos mercados nacional e internacional.

As vendas físicas totais alcançaram 1,05 milhão de toneladas, 44% abaixo das vendas do primeiro trimestre de 2008 e 28% menores em relação ao quarto trimestre do ano passado. O mercado interno absorveu 74% das vendas físicas – 780 mil toneladas, 49% abaixo do volume comercializado no primeiro trimestre de 2008 e 32% menores que as vendas do quarto trimestre. As exportações totalizaram 268 mil toneladas, resultado 24% inferior ao do mesmo período do ano passado e 15% abaixo do último trimestre de 2008.

Produção de minério cresce – A produção de minério de ferro das minas da Usiminas atingiu 1,16 milhão de toneladas – 906 mil toneladas de “Sinter Feed” e 252 mil toneladas de granulado. Esse volume é 58% superior ao do primeiro trimestre e está 17% acima do quarto trimestre de 2008.

Com vistas à redução de custos, a Usiminas vai continuar a capturar em 2009 o aumento da participação do minério de ferro produzido em suas minas nas operações nas usinas de Ipatinga e Cubatão.

Os impactos da crise financeira internacional, intensamente sentidos desde o mês de setembro de 2008 em todas as economias do

Os marcos de Tupi

Pré-sal posicionará o Brasil na vanguarda mundial de oferta de petróleo, assegurando vantagens competitivas ao país.

por **Beatriz Cardoso**

Um novo paradigma na indústria petrolífera brasileira, o início da produção de petróleo da camada de pré-sal, no campo de Tupi, na Bacia de Santos, estabelece um novo status para o Brasil no mercado mundial, na opinião de **Antonio Carlos Porto Araújo**, consultor de energia renovável da Trevisan Consult. “O TLD de Tupi não é um marco em si, mas um caminho, uma vez que energia, assim como água e alimento, são questões primordiais, envolvendo inclusive aspectos geopolíticos”, explica o consultor.

Neste contexto, Tupi poderá estabelecer alguns marcos históricos no setor de petróleo e gás. A começar pelo fato desta imensa reserva e outras mais descobertas nos últimos anos estarem localizadas em uma região sem conflitos e em um país no qual vigora o Estado democrático. “Este é o diferencial geopolítico que Tupi poderá vir a significar no cenário mundial, quando estiver em plena produção. Ocorre que a Organização das Nações Unidas (ONU) tem reiterado sua preocupação com o fato de a maior parte da produção petrolífera estar em regiões de grandes conflitos, como o Oriente Médio”, destaca Araújo. E isto, segundo ele, vai se refletir no preço desta commodity e nas condições de financiamento da produção no pré-sal, que tem custos mais elevados. “O Brasil terá uma super competitividade”, afirma.

Principalmente levando-se em conta que o consumo diário de petróleo no mundo é de quase 14 bilhões de litros e que, em termos



comparativos, todo o etanol produzido no Brasil em um ano equivale a cerca de 50 horas da exploração e consumo de petróleo no planeta. “Seria ingenuidade, ou uma visão obtusa, pensar que vamos deixar de usar o combustível fóssil em poucos anos. Até mesmo pela evidente questão matemática, que mostra não haver oferta equivalente de substitutos ao combustível fóssil consumido hoje”, afirma o consultor da Trevisan.

Ele ressalta que o desenvolvimento efetivo do pré-sal vai representar também um grande avanço tecnológico para um país que demorou um quarto de século para produzir seu primeiro milhão de barris de petróleo/dia. Graças a agressivas políticas de investimentos e intensivos programas de P&D, tem-se hoje uma produção de cerca de dois milhões de barris/dia. Em breve, a produção das plataformas P-53 e do navio *Cidade de Niterói*, no campo de Marlim Leste, e a P-51, em Marlim Sul, deverá acrescentar mais 460 mil barris/dia. Ou seja, cada vez mais passam pelos dutos realizações de um cenário em que o Brasil se destaca no avanço tecnológico da exploração, capacidade de identificação geológica e formação de infraestrutura para a consolidação de toda uma cadeia petroquímica.

Logicamente, diz ele, o desenvolvimento a jusante dessa cadeia petroquímica enfrentará desafios e gargalos como o ‘custo Brasil’, por exemplo, mas tem a seu favor, diferencialmente de outros produtores, um custo de oportunidade muito melhor, sobretudo em se tratando do risco geopolítico.

A exploração do pré-sal poderá estabelecer ainda outro marco no que se refere a sustentabilidade, por incorporar o CO₂ como um insumo na exploração. “O uso de CO₂ para aumentar a vazão e a produtividade de poços, como está previsto pela Petrobras, assim como a captura e injeção de CO₂ em campos desativados, mostra que a indústria brasileira está buscando soluções sustentáveis para dar uma destinação mais nobre ao gás carbônico”, afirma Araújo. “Este é o grande viés ambiental de Tupi.” Já que é inevitável a queima de combustíveis fósseis, a grande questão é o melhor tratamento para os resíduos e as emissões de gases de efeito estufa, sobretudo o CO₂.

Na opinião do consultor, é evidente que essa disponibilidade de novos campos deverá fomentar debates, sobretudo na ordem institucional, com modelos regulatórios eficientes; ambientais, com mecanismos de controle de emissões e resíduos; sociais, com geração e distribuição de emprego e renda; e tecnológicos, com instrumentos de inovações para exploração em áreas difíceis e profundas. “Mas estes três marcos serão, sem dúvida, o grande diferencial do Brasil em relação a outras áreas produtoras do mundo”, assegura Araújo. “Além disso, o país está avançando cada vez mais, tanto no desenvolvimento de energias renováveis, como na descoberta de novos campos economicamente viáveis para exploração de combustíveis fósseis. E isto é fundamental, uma vez que o mundo precisa de segurança na oferta de energia, seja ela líquida ou elétrica”, conclui Antonio Carlos Porto Araújo. ■

mundo, ficam cada vez mais evidentes no lado real da economia, resultando na forte retração das atividades industriais, de modo especial nas cadeias produtivas em que o aço tem participação relevante.

As perspectivas da demanda de aços planos para 2009 ainda não estão muito claras, apesar das medidas de incentivo que o governo brasileiro vem adotando para ativar o desempenho de setores que têm forte impacto na economia, como o segmento automotivo, de linha branca e da construção civil.

Embora os estoques na rede de distribuição ainda estejam elevados, a expectativa é da retomada da economia brasileira e do mercado ao longo dos próximos meses. Essa retomada, contudo, não será suficiente para que se veri-

fique crescimento da demanda interna por aços planos em 2009 em relação a 2008.

Números mundiais – O consumo mundial de aço deve recuar 15% em 2009 na comparação com 2008. Um terço da capacidade global do setor – equivalente a 650 milhões de reais – estará ociosa nesse período. A demanda externa por aço, que até o agravamento da crise sustentou quase metade da produção brasileira, não dá sinais de recuperação significativa. A estimativa preliminar do World Steel Association é de queda em torno de 19% este ano, em relação a 2008. A produção global de aço no primeiro trimestre foi de 262,8 milhões de toneladas, com uma redução de 23% em relação a igual período de 2008 e praticamente estável (queda

de 2%) em comparação com o quarto trimestre do ano anterior. A China respondeu por 48% da produção mundial global, acima dos 37% no mesmo período do ano passado.

Com relação à demanda global de aços planos, prevalece a expectativa de que o segundo semestre de 2009 já apresente uma retomada de ritmo. De acordo com especialistas, é bastante provável que os preços internacionais do aço tenham atingido em março o seu mais baixo nível, ou que estejam muito próximo dele. No entendimento geral, os elevados custos de produção atuais, como os de minério de ferro e de carvão, devem limitar a prática de preços ainda mais baixos e continuarão a ser obstáculos para a manutenção e melhoria dos níveis de rentabilidade das companhias. ■

Petrobras

Queda nos lucros

LOGO APÓS OS FOGOS DE ARTIFÍCIO do início do teste de longa duração de Tupi, na Bacia de Santos, os resultados do primeiro trimestre esfriaram os ânimos dos acionistas da Petrobras, que teve uma queda de 19,66% em seu lucro líquido, em relação ao mesmo período de 2008: caiu de R\$ 7,239 bilhões para R\$ 5,816 bilhões. Em relação ao último trimestre do ano passado, esta queda é de apenas 6%. A receita líquida da petroleira estatal também caiu: foi de R\$ 42,595 bilhões, 9% menor que a consolidada entre janeiro e março do ano anterior (R\$ 46,835 bilhões).

Segundo o diretor financeiro da Petrobras,

Almir Barbassa, este resultado foi influenciado pela forte queda do preço do petróleo no trimestre, que afetou o preço médio de venda do petróleo doméstico (queda de 63%) e as receitas com exportações de óleo e derivados.



Ele observou que estes efeitos foram atenuados pelo reajuste de preços do diesel e da gasolina em maio de 2008, a redução das importações e a queda das participações governamentais. Apesar da expressiva queda nas cotas do petróleo (55%), a geração de caixa, medida pelo EBITDA (lucro antes de impostos, juros, amortizações e depreciações), foi de R\$ 13 bilhões 423 milhões (5% inferior ao primeiro trimestre de 2008), enquanto a receita operacional líquida foi de R\$ 42 bilhões 595 milhões.

À beira de uma CPI – Os resultados do segundo trimestre podem ser afetados pelos últimos acontecimentos, relacionados à denúncia de que a Petrobras teria feito manobras contábeis para deixar de recolher R\$ 4,3 bilhões em impostos. "Houve por parte da Petrobras uma opção contábil, sem danos tributários", afirmou o presidente da Petrobras, José Sérgio Gabrielli.

Ele lembrou que a MP 2.58, de 2001, permite às empresas fazerem mudança do regime de tributação nas operações cambiais – e que isso foi regulamentado também por uma instrução normativa da Receita Federal. De acordo com o dirigente da estatal, no primeiro trimestre deste ano a Petrobras pagou R\$ 1,1 bilhão de Cide (Contribuição de Intervenção no Domínio Econômico) – o que representa uma pequena queda em relação ao mesmo período do ano passado, que foi de R\$ 1,233 bilhão.

Ainda assim, o Senado quebrou o acordo feito pelas lideranças, de suspender a instalação de uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) até que Gabrielli prestasse esclarecimentos no plenário da Casa. No dia 15 de maio, a presidência da Casa autorizou a criação da CPI. ■

Frases

"A questão não é se, mas quando isso vai acontecer. Talvez em 2030."

Edward Prescott, Prêmio Nobel de 2004, ao afirmar que o Brasil deve ir bem na crise e entrar para a lista das maiores economias do mundo. 11/05/2009

"Há muita fumaça e pouca realidade e seriedade."

Sérgio Gabrielli, presidente da Petrobras, em relação às denúncias de manobras contábeis feitas pela estatal. 11/05/2009

"É hora de esperar e ver [o que acontece]. Nós não vemos qualquer grande história no mercado hoje. Então acompanhamos [os índices futuros de] Wall Street. Se Wall Street começar a cair, nós cairemos também."

Heinz-Gerd Sonnenschein, estrategista do Postbank, ao analisar a alta das ações de empresas de energia e mineração nas bolsas europeias, puxada pelos papéis dos bancos. 18/05/2009, Folha Online

"Não há um país no mundo que tenha encontrado muito petróleo e não tenha mudado a regulamentação."

Luiz Inácio Lula da Silva, presidente do Brasil, cobrando de seus ministros urgência na revisão do marco regulatório do petróleo. 19/05/2009

Produção de óleo e LGN (em Mbpd) - Brasil (Out/2008 a Mar/2009)

	Outubro	Novembro	Dezembro	Janeiro	Fevereiro	Março
Bacia de Campos	1.573,8	1.552,8	1.592,9	1.640,7	1.660,7	1.722,8
Outras (offshore)	77,6	72,0	62,4	65,5	61,8	55,1
Total offshore	1.651,4	1.624,8	1.655,2	1.706,2	1.722,5	1.779,9
Total onshore	221,6	220,2	220,3	216,8	217,8	212,1
Total Brasil	1.873,0	1.844,9	1.875,5	1.922,9	1.940,3	1.991,9

Produção de GN sem liquefeito (em Mm³/d) - Brasil (Out/2008 a Mar/2009)

	Outubro	Novembro	Dezembro	Janeiro	Fevereiro	Março
Bacia de Campos	23.681,9	23.015,2	23.148,6	24.026,4	25.963,1	27.519,2
Outras (offshore)	14.110,1	12.355,5	13.381,9	7.602,9	7.436,3	8.594,6
Total offshore	5.370,7	37.792,0	36.379,9	36.495,7	33.399,4	36.113,8
Total onshore	5.870,3	15.925,0	16.108,0	16.238,1	15.467,8	15.293,7
Total Brasil	53.717,0	51.241,1	52.257,5	47.095,2	48.867,2	51.407,4

Produção de óleo e LGN (em Mbpd) - Internacional (Out/2008 a Mar/2009)

	Outubro	Novembro	Dezembro	Janeiro	Fevereiro	Março
Exterior	130,0	132,3	137,3	122,2	127,8	126,2

Produção de GN sem liquefeito (em Mm³/d) - Internacional (Out/2008 a Mar/2009)

	Outubro	Novembro	Dezembro	Janeiro	Fevereiro	Março
Exterior	16.909,6	17.642,2	16.078,9	15.761,6	16.855,2	16.378,1

Produção total de óleo, LGN e de gás natural (em Mboe/d)(Out/2008 a Mar/2009)

	Outubro	Novembro	Dezembro	Janeiro	Fevereiro	Março
Brasil+Exterior	2.440,4	2.403,4	2.436,1	2.434,1	2.474,7	2.537,9

Fonte: Petrobras